



EXPLORANDO O TEATRO COMO ESPAÇO DE PERTENCIMENTO E EXPRESSÃO: NARRATIVAS PESSOAIS NO PROJETO DE “ARTE-EDUCAÇÃO”

Ana Julia Lupo Guaraldo ¹
Levi Corrêa Lopes ²

RESUMO

Neste relato de experiência, será abordado o conceito de lugar como significativo afetivo, a partir de narrativas pessoais geradas no âmbito do projeto "Arte-educação" da Faculdade SESI de Educação. Este projeto tem como objetivo envolver estudantes da educação básica em atividades de artes cênicas. Nosso enfoque recai sobre o teatro como um ambiente de pertencimento, reconhecendo-o como um espaço inventivo, criativo e revelador das relações humanas. Importa ressaltar que a docente, igualmente em processo de formação, desempenha um papel significativo neste contexto. Em termos teóricos, fundamentamos nossa abordagem em autores como Paulo Freire, Augusto Boal, Jacques Rancière e Yi-Fu Tuan. Através deles, construímos uma metodologia que visa proporcionar aos estudantes uma experiência estética-reflexiva emancipatória, utilizando técnicas teatrais para estimular a expressão de narrativas pessoais de maneira crítica. O diálogo entre a práxis dialógica de Freire e os princípios do Teatro do Oprimido é fundamental para a promoção da reflexão-ação e a transformação das narrativas individuais dos participantes. Revendo os registros das atividades, reforçamos a característica de espaço afetivo nos processos formativos, nos quais os envolvidos se tornam agentes ativos de mudança social. Eles adquirem ferramentas das linguagens cênicas que enriquecem a experiência, a sensibilidade e a prática educacional. Desse modo, este trabalho destaca a importância do teatro como um ambiente de pertencimento e expressão, onde os participantes são capacitados a compartilhar narrativas pessoais significativas, alinhadas a uma abordagem pedagógica crítica e emancipatória.

Palavras-chave: Teatro; Formação de professores; Afetividade; Narrativas pessoais.

INTRODUÇÃO

O projeto “Arte-Educação”³ é um curso de extensão da Faculdade SESI de Educação que tem como objetivo a formação de professores nas práticas pedagógicas transdisciplinares e a capacitação de alunos da educação básica em atividades de artes cênicas. Portanto, é baseado no aspecto da formação de professores que este artigo se constitui como um relato de experiência, no qual a partir de narrativas pessoais é abordado o conceito de lugar como significativo afetivo.

¹ Graduanda do Curso de Ciências Humanas da Faculdade SESI de Educação, anajulialupo@gmail.com;

² Mestrando e bolsista em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL/PUCSP/CAPES). Professor do curso de Linguagens da Faculdade SESI de Educação – SP, levicorreator@gmail.com ;

³ O projeto Arte-Educação é um curso de extensão da Faculdade SESI de Educação, no qual teve seu início no ano de 2022 e tem o enfoque em oferecer cursos de teatro para alunos do fundamental II e médio da escola SESI Vila Leopoldina.



Desse modo, é importante entender o contexto no qual o projeto está inserido, bem como todos os participantes, pois a pesquisadora antes de aluna da faculdade era aluno da mesma escola na qual ela está ministrando o curso de teatro. Isso implica em dizer que os laços afetivos construídos no espaço, bem como o sentido de pertencimento é um conjunto de histórias vividas e vivenciadas ao longo da vida escolar e agora acadêmica. Assim, não é possível dissociar uma experiência antiga do que acontece atualmente e, o respeito, carinho, cuidado e zelo pelo espaço é muito mais do que uma obrigação ou norma, mas uma questão de preservar laços com a história que foi e está sendo construída.

Os alunos, também entram no contexto, pois andam pelos mesmos corredores, estudam nas salas que uma vez já foi da professora, ou seja, apesar de terem referências, idades e histórias diferentes, o que os unem - além do teatro - é o fato de que a formação básica escolar é feita entre os mesmos muros, por vezes com alguns dos mesmos professores, dentre outras circunstâncias. Entretanto, este curso foi criado num período pós pandêmico⁴ no qual os estudantes desenvolveram várias questões de cunho emocional, relacional e cognitivos, evidenciando as frustrações com maior intensidade. Logo, práticas corporais e mentais como o teatro vem a propor, se fazem necessário - mais ainda- neste cenário, pois serão desenvolvidas habilidades e competências inerentes aos conteúdos curriculares, mas essenciais a prática social.

O projeto de teatro tem como público-alvo os alunos do sexto até o terceiro ano do ensino médio, porém neste relato o recorte será feito somente para a turma mais velha, de quinze a dezoito anos. As bases teóricas utilizadas nas aulas não visam, como prioridade, capacitar os estudantes para uma formação profissional da área de atuação, mas sim desenvolver um ambiente de pertencimento, reconhecendo-o como um espaço inventivo, criativo e revelador das relações humanas. Ademais, acredita-se que é preciso haver incitações no âmbito escolar, pois ele é um local de conhecimento e carece de mudanças. O meio deve auxiliar e instigar a curiosidade do aluno, para que dessa forma ele possa vir a procurar as respostas para as suas angústias e perguntas. Deste modo, é caracterizado uma educação libertadora.

Logo, este relato se faz necessário por utilizar o teatro como um meio para promover o pertencimento, a reflexão crítica e a capacitação dos estudantes, alinhada a teorias pedagógicas relevantes e à busca por transformações sociais positivas para o presente e para o futuro.

As aulas seguem uma estrutura de regras compartilhadas e construídas em conjunto, possibilitando dessa forma um ambiente democrático, saudável e disponível para

⁴ A COVID-19 foi extinta, mas no ano de 2022 as regras para frequentarem ambientes fechados sem o uso de máscaras já havia sido liberada.



transformações, uma vez que apesar de ter uma referência, a professora, todos estão no mesmo âmbito de aprendizado, trocas e no processo crítico colaborativo em questão. Assim, o conceito de liderança horizontal é um dos eixos norteadores da prática docente, favorecendo a participação engajamento ativo de todos os envolvidos. Apesar da palavra regra não aparentar uma dialogicidade, o rigor no ensino-aprendizagem do teatro é um fator importante, não só para as técnicas, mas para a formação do ser humano. Segundo Freire:

O rigor é algo que não deve ser retirado do âmbito da escola e da sala de aula. Em todos os lugares existem regras que foram criadas para serem cumpridas, na sala de aula é da mesma forma, é preciso disciplinas em todas as ocasiões, o rigor aplicado de maneira moderada e consciente, nada mais faz do que tornar o aluno um cidadão no futuro. (2008, p. 33)

Pensar no aluno como um cidadão no futuro é projetar expectativas sobre as práticas e interações do cotidiano com os saberes e responsabilidades dele. O teatro aqui utilizado é inspirado nas técnicas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal, que visa olhar para o espectador e ator, ambos ocupando o mesmo espaço, pois o teatro precisa ser uma ferramenta emancipadora capaz de transformar o meio no qual está inserido. O conceito de teatro é definido por Boal como:

O teatro é uma atividade que nada tem a ver com edifícios e outras parafernalias. Teatro – ou teatralidade – é aquela capacidade ou propriedade humana que permite que o sujeito se observe a si mesmo, em ação, em atividade. O autoconhecimento assim adquirido permite-lhe ser sujeito (aquele que observa) de um sujeito (aquele que age); permite-lhe imaginar variantes ao seu agir, estudar alternativas. O ser humano pode ver-se no ato de ver, de agir, de sentir, de pensar. (2011, p. 27)

O filósofo Jacques Rancière também tem uma visão crítica ao teatro tradicional conservador, no qual o público cumpre o seu papel de assistir ao espetáculo e os atores os papéis de representarem as histórias das suas personagens. Ele acredita no papel emancipador do teatro, que em suas palavras “precisamos de um outro teatro, um teatro sem espectadores: não um teatro diante de assentos vazios, mas um teatro no qual a relação óptica passiva implicada pela própria palavra seja submetida a outra relação, a relação implicada em outra palavra [...] o Drama.” (2012, p.9). Drama é ação e ação é constituída de corpos vivos em movimento, ou seja, não há local para a passividade.

Logo, os encontros são mobilizados por meio do teatro e de jogos lúdicos, pois acredita-se no potencial do aprender brincando como um meio de autoconhecimento e desenvolvimento de técnicas. A descoberta de si e do novo é algo essencial, além de ser um dos fundamentos dos jogos, bem como Freire ressalta que, “Precisamos compreender o que fomos, para compreender



o que somos e decidir o que seremos”. (2008, p. 40). As decisões são características de quem faz escolhas, e para escolher deve primeiramente se ter conhecimento. Nesse aspecto, todo o conhecimento prévio dos alunos, bem como o conhecimento de mundo, é válido e necessário para construção das aulas.

Precisa-se reintroduzir na escola o princípio de que todo o conhecimento tem algo a ver com a experiência e o prazer. Quando não há essa visão, quando o encanto do aprender e apreender vira um processo meramente mecânico, o ensinar deixa de ter a função essencial de interação, troca, doação, ajuda mútua, dentre outras qualidades que a educação precisa ter, porque a educação em sala de aula não pode ser vista sem esse aspecto de troca de conhecimento, de informações, troca de experiências, mudança de concepções, quebra de paradigmas e com muitos questionamentos e criticidade. Ao estudar, descobre-se que é possível conhecermos e termos novas possibilidades em todos os sentidos. Conhecemos novas pessoas, construímos laços de amizade com colegas, professores, colaboradores em geral da Instituição onde se estuda. Informar e instruir os saberes já acumulados pela humanidade é um fator importante da escola para o seguimento de estudos e novas formas de conhecimento em uma sociedade.

Assim, as aulas são divididas em alongamentos, aquecimentos corporais e vocais, para em seguida, serem trabalhados com jogos que exigem a participação ativa e inventiva na criação de situações inéditas. Os jogos de caráter improvisacionais trabalham com o íntimo e com as possíveis referências vividas, presenciadas ou estudadas pelos alunos, fazendo assim uma observação mais detalhada da bagagem emocional e estrutural que cada aluno tem. Lembrando que, nesse caso, os jogos de improvisação estão com um objetivo de experimentação de cenas, desinibição, contato com a arte e criação partindo das próprias histórias dos alunos.

Ainda assim, estes jogos que exigem uma improvisação, tiram os estudantes da sua zona de conforto, pois a vivência de outras personagens, situações e circunstâncias diferentes da que estão acostumados, amplia o repertório de ações. Possibilitando diferentes olhares para um mesmo assunto, desse modo Boal comenta:

Isto se torna mais claro quando uma pessoa sai do seu ambiente habitual, quando visita uma cidade desconhecida... lá, as pessoas vestem-se de maneira diferente, falam num ritmo e musicalidade diferentes, (...) tudo parece maravilhoso, inesperado, fantástico. Fica-se excitadíssimo ao absorver tantas sensações novas. Os sentimentos aprendem novamente a selecionar e a estruturar os novos estímulos e volta-se à rotina anterior. (2011, p. 60-61)



Nessa fala, Boal exemplifica as sensações de se viver novas experiências, sair do seu ambiente habitual. Sair da rotina é estabelecer novos contatos e fronteiras, possibilidades corporais, mentais e culturais.

Portanto, durante as aulas e inspiradas nas inquietações que os jogos permitem, uma aluna sugeriu que fosse construído um roteiro baseado em cartas que os próprios estudantes escreveriam com o tema “você do presente para você do passado”. A ideia foi prontamente aceita tanto pela professora quanto pelos colegas e, posteriormente, a proposta foi ampliada para uma escrita pessoal dividida em três momentos: passado, presente e futuro. Todas as aulas seguiram a mesma estrutura: aquecimento, dinâmica, aprofundamento sobre o tema, roda de conversa reflexiva sobre o procedimento e, num processo externo às aulas, a escrita das cartas.

Logo, antes do processo da escrita, cada um dos temas foi desenvolvido em uma aula, começando pelo passado. Usando de base o livro *Jogos para atores e não-atores*, de Augusto Boal, algumas técnicas e jogos foram utilizados como ferramentas para criarem conexões entre o físico e o mental, buscando relacionar a memória, emoção e imaginação. Logo, as dinâmicas dessa aula foram construídas para que os alunos, através das práticas teatrais, pudessem resgatar momentos da própria infância. Assim, apesar de nenhum aluno ser maior de idade, os procedimentos escolhidos visavam uma retrospectiva de suas vivências, partindo de memórias recentes, como o que eles tinham feito no dia anterior, até as lembranças mais profundas onde a afetividade estava presente e, só como último momento, chegar no período denominado infância. O jogo que serviu de base para todo esse processo de olhar internamente para si foi: sonho de criança, no qual consistia em escrever num papel qual era o seu sonho de infância para, em seguida, corporificassem esse sonho escrito em encenação.

No final dessa aula, foi feito um processo reflexivo das dinâmicas realizadas, com enfoque na sua criança interior, respeitando as características inventivas de cada um. É importante destacar que, apesar de terem uma idade relativamente próxima com a infância, muitos relataram dificuldades em lembrar aquele período, outros comentaram das diferenças dos primeiros sonhos com os atuais, enfim, esse momento é de suma importância para a criação de um sentimento de pertencimento, uma vez que segundo Tuan

Assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento. (1983, p. 10)



Para a escrita de narrativas pessoais, é necessário um ambiente saudável no qual os participantes sintam-se confortáveis para relatarem o que quiserem, sem medo de julgamentos ou valoração, certo ou errado.

Na aula seguinte, as atividades foram voltadas para a criação de uma personagem. Partindo do corpo, os alunos foram desenvolvendo características inventivas de acordo com os comandos dados pela professora. O objetivo desse exercício era proporcionar aos estudantes uma visão de “fora” sobre a própria vida, como se fossem ao mesmo tempo seus espectadores enquanto atuam, possibilitando outras perspectivas sobre eles mesmos, como cita Boal (2009b, p. 136) “No Teatro do Oprimido, o cidadão, no presente, pensa o passado e inventa o futuro. O palco do teatro, tanto como a cela ou o pátio da cadeia, pode ser um lugar de estudo, avaliação; o teatro pode ser a linguagem desta busca de si mesmo”.

A primeira instância, os alunos não precisariam criar uma história para aquela personagem, pois as histórias base são as suas. Assim, ao final do exercício eles descobriram que as personagens criadas teriam exatamente o mesmo passado que seus criadores, os mesmos objetivos e sonhos, mesma forma de pensar e enxergar o mundo, ou seja, foi ao mesmo tempo um processo de exteriorização e interiorização dos sentimentos. Por fim, na roda de conversa, foi discutido sobre as relações que cada um deles tiveram com as situações criadas e, em seguida, foi solicitado que na próxima aula entregassem a carta com tema “presente”, no qual a escrita seria para essa persona da aula ou para o seu “eu”.

Finalizando a sequência de aulas com as cartas para o futuro, as dinâmicas foram divididas em dois momentos opostos. O primeiro sendo voltado completamente para a consciência corporal, com exercícios e jogos que tivessem o intuito de gerar um aquecimento corporal para os alunos, enquanto o outro foi voltado para o “eu” introspectivo. Por meio de exercícios de relaxamento, os alunos foram guiados através de uma narrativa, e que em certo ponto eles deveriam se deparar com um grande espelho, que permitiu os alunos a enxergarem um recorte do futuro. O reflexo que os estudantes enxergavam era a versão mais velha deles mesmos, com atenção a cada detalhe que eles conseguissem encontrar, eles reparavam como essa pessoa estaria vestida, qual expressão ela tinha no rosto, o que ela faz da vida, e o que eles gostariam de dizer ou ouvir dessa pessoa. Finalizando a dinâmica, foi feita uma roda de conversa com escuta ativa, valorizando os relatos e experiências compartilhadas durante o encontro.

Sendo assim, as aulas culminaram no evento das cartas, que não tinham como objetivo a comparação da escrita como um diário pessoal, mas um processo de escrita com narrativas pessoais, partindo de pontos de vista únicos. Todos estes relatos foram recolhidos pela



professora, para que, posteriormente, um exercício de dramaturgia ou encenação fosse criado em conjunto com todos os participantes.

METODOLOGIA

Este projeto tem como metodologia o processo de pesquisa-ação, no qual a pesquisadora está inserida no objeto da pesquisa como ser ativa e participante do processo. Isto implica em se perceber como agente transformadora de sua prática e do meio no qual a pesquisa está relacionada. Assim, para alcançar os objetivos esperados no trabalho, a metodologia se baseará na análise de registros do plano de aula da turma do ensino médio, atividades e no recorte de um exercício de escrita de narrativas pessoais, cujo reforça a característica de espaço afetivo nos processos formativos.

O encontro da prática com o teórico elucidada os caminhos metodológicos utilizados como ferramentas nos quais os envolvidos se tornam agentes ativos de mudança social. Assim, foram feitos breves relatos de momentos do curso de extensão para se entender como acontece a tríade: professor-aluno-dinâmica e, em seguida, escolhidas três cartas – uma do passado, presente e futuro - que representam a dinâmica proposta em sala de aula. O processo de narrativa pessoal foi feito em três etapas, uma em sala e aula, no segundo momento os alunos escreveram as cartas fora do horário da aula e por fim, a entrega das cartas como produto daquele exercício.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades que resultaram nas cartas foram estruturadas para a criação de um ambiente criativo e estético dos participantes. Estas bases foram fundamentais para a escrita de narrativas pessoais guiadas pelos temas: passado, presente e futuro. Cada período cria uma proposta baseada nas relações do indivíduo com o espaço-tempo e as leituras que fazem dos ocorridos, expectativas e projeções de sua vida. As descobertas que o teatro proporciona vai além do conteúdo pragmático de uma sala de aula tradicional, pois o aluno não é um objeto de estudo e sim o sujeito protagonista das aulas.

A educação – Paulo Freire, presente! – é transitiva. Aprender é um ato de vida: quando alguém descobre, descobre-se a si e descobre o outro. O aprendizado cria um ser humano diferente do que era: aquele que sabe, e não sabia. (BOAL, 2009b, p. 137)



As cartas do passado tinham o enfoque nos sonhos das suas crianças, que hoje são apenas memórias, então, escritas com traços de nostalgias, saudades e até mesmo melancolia se fizeram presentes em grande parte das cartas. Ninguém melhor para falar de quem você foi e como você vê e via o mundo do que a própria pessoa. Fazer um resgate do que já se viveu é, além de um esforço afetivo, um exercício de percepção interiorizado que busca responder as perguntas que te constituem enquanto ser ativo na sociedade. Há quem diga que somos as histórias que lembramos, os momentos que vivemos e como refletimos sobre tudo isso. Pois bem, nessas escritas o que se percebeu foram pistas de valores que “ficaram no meio do caminho”, e não os acompanharam até a juventude. As transformações que acontecem na transição criança e adolescente, vão muito mais do que mudanças físicas, mas comportamentais, mentais etc. O fato não é o envelhecer que incomoda e muito menos o amadurecer, pois é preciso muito amadurecimento para perceber que partes essenciais do que você considerava importante foram trocadas por outras coisas. Podemos ver isso claramente no trecho “Como eu queria ser como você, feliz como você, sem preocupação, amada e bem tratada, sem aquela parte que o seu mundo colorido apagou.”. O fato aqui não é ser criança, mas ter afetos que o presente não está lhe dando e, a mesma aluna continua “se eu te contar como eu me sinto, você não ficaria feliz, acharia talvez triste demais, mas é como eu me sinto, eu quero ser você de novo.”. A escrita aparenta ter um lado de cobrança e culpa por essa criança não existir, mas por outro lado pode ser entendido como um processo autorreflexivo capaz de gerar mudanças.

As experiências íntimas, não sendo exaltadas, passam despercebidas. Na hora, não dizemos “é este”, como fazemos ao admirar objetos de notória ou reconhecida beleza. É somente quando refletimos que reconhecemos seu valor. Na hora não estamos conscientes de nenhum drama; não sabemos que acabam de ser plantadas as sementes de um sentimento duradouro. (TUAN, 1983 p. 158)

Por outro lado, quando se pediu para escrever uma carta para você hoje, ou seja, no presente, a dificuldade não estava em relacionar algo ou algum fato com as suas experiências e sim num processo reflexivo interno. Explicando melhor, quando os alunos tiveram que escrever uma carta para si próprios, eles estavam sendo sinceros e dialogando com os seus anseios e angústias, evidenciando seus limites e potencialidades atuais. A carta curta, mas sincera de um aluno relata bem essa preocupação, respeito e cuidado ao conversar consigo mesmo “Eu não sei o que dizer pra você, não sei palavras reconfortantes, e isso é um fato que me machuca muito”. Alguns buscavam um certo consolo, outros incentivavam e tranquilizavam a ansiedade de querer ser perfeito “Você não precisa ser perfeito”, mas o que todos tinham em comum era a franqueza de escrever algo maior que um desabafo ou autoajuda, pois ao se conhecer você se



transforma, como bem relata Boal “A educação Estética do Oprimido é uma proposta que trata de ajudar esses jovens - ou adultos - a descobrir a Arte descobrindo a sua arte e, nela se descobrindo; a descobrir o mundo descobrindo o seu mundo e, nele, se descobrindo” (2009a, p. 171).

A escrita do futuro tem uma característica lúdica, pois diferente das outras duas, tudo o que se espera são suposições, vontades e sonhos de se tornar alguém. O ser humano é movido por desejos e sonhos, a esperança de ser ou conseguir algo melhor é uma força motriz que move ou justifica os movimentos. Assim, a narrativa pessoal desenvolvida tem nas palavras um cunho de orgulho e medo. Orgulho de poder se imaginar como alguém que apesar das dificuldades conseguiu alcançar o que se espera de uma pessoa que está se esforçando tanto para fazer o bem e ser melhor e, medo de se autossabotar ao logo dos anos. Em um dos trechos escrito por uma aluna, é possível ver ambos os sentimentos “Infelizmente sinto lhe dizer que tenho um enorme receio de não me tornar você. Após nosso encontro fiquei com medo de nunca mais te ver. Sonho um dia me tornar você. Poder ser incrível como você é. Apesar de qualquer coisa, saiba que eu tenho muito orgulho de nós.” Poder olhar para o futuro e se projetar enquanto ser ideal, é uma das características que o Teatro do Oprimido oportuniza aos praticantes e, um olhar atento para o que constitui cada um do grupo é, sobretudo, um cuidado para que não se atrolele nenhuma etapa de desenvolvimento. Desse modo, “para nós, é importante que cada pessoa amadureça seguindo seu próprio ritmo, segundo suas próprias possibilidades, necessidades e desejos.” (BOAL, 2009b, p. 172)

Por fim, este relato entende e compartilha dos mesmos princípios que Boal discutia, todos nós somos capazes de criar e resolver nossos problemas, todos somos artistas e plateia da nossa própria vida. Nas palavras de Boal (2009, p. 151) “Nós somos daqueles que acreditam que todo ser humano é artista; que cada ser humano é capaz de fazer tudo aquilo de que um ser humano é capaz. Talvez não façamos tão bem uns como outros, melhor que outros, mas cada um pode sempre fazer melhor do que si mesmo.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As aulas de teatro quando referenciadas pelos teóricos que visam uma abordagem crítica e emancipadora, tendem a ter um reflexo direto na prática e nas resoluções das atividades dos alunos. O olhar para o contexto de cada aluno, evidencia uma preocupação com as especificidades que eles têm a oferecer, tornado os encontros mais significativos nos aspectos crítico-estético-reflexivo. Todo o processo deste curso de extensão procura quebrar as fronteiras



que acreditam numa educação tradicional, onde a dialogicidade se faz vigente na relação colaborativa de ensino-aprendizagem.

Por meio das atividades de artes cênicas, os participantes não apenas enriquecem sua experiência educacional, mas também desenvolvem habilidades interpessoais valiosas. Esperamos que este relato inspire outras iniciativas educacionais a explorar o potencial do teatro como um espaço de aprendizado e crescimento pessoal. Para se desenvolver uma educação libertadora é necessário que parta de dentro do indivíduo e que esse sentimento seja do seu interesse. O que o professor faz é mostrar as ferramentas para que isso se torne possível.



REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009a.

BOAL. **O teatro como arte marcial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009b.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. 14 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 47ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Editora Eduel, 1933.